

DEBATE

Fátima Sequeira:

Pedíamos, além das nossas perguntas e dúvidas, algumas sugestões para futuros trabalhos deste género. Fizemos uma avaliação final. Os professores responderam a um inquérito sobre o curso. Todos eles foram unânimes em dizer que queriam mais tempo para encontros, embora desta vez tivessem tido 5 dias, ao todo três na primeira parte e dois na segunda, e foi uma acção contínua. As pessoas mostraram-se extremamente satisfeitas por terem estado em conjunto com os professores dos outros níveis. Gostaríamos de saber a vossa opinião para organizar futuros encontros deste género.

Podemos iniciar o debate.

Maria José Ferraz:

Mais uma vez fiquei convicta de que é possível o ensino do português. Quando se fazem experiências e os resultados são positivos nós ficamos satisfeitos com isso. Não são os alunos que não aprendem, não há um determinismo de ignorância do português, há possibilidades. O que se exige é maior divulgação destas experiências e culturas, porque nós sabemos que existem muitas pelos país, talvez não com o âmbito que esta teve, às vezes são mais reduzidas, mas já se tem tentado o encontro entre os vários níveis de ensino em experiências mais reduzidas e sempre com resultados positivos. Por isso, julgo que o que há a repensar é a forma de levar toda a gente a comenetrar-se de que é possível ensinar português. Para além de tudo o mais, eu julgo que é preciso uma revolução das mentalidades. Não sei se tenho sugestões a fazer. As sugestões vão sempre para a formação contínua.

Neste momento julgo que é o ponto fundamental, porque sabemos que já há preocupação com a formação inicial. Ontem, isso

ficou bem patente. Mas como organizar a formação contínua? Como é possível fazer mexer o país? Como é possível pôr as pessoas em auto-formação? A auto-formação passa por algo que vem do exterior. É preciso primeiro que as pessoas sejam motivadas, criadas condições, etc. Mas também é necessário que elas próprias sejam convencidas de que é possível fazer coisas e de que os alunos merecem isso.

José Victor Adragão:

Julgo que esta conversa de hoje tem muito a ver com a conversa de ontem sobre o inquérito do que os alunos sabem quando chegam às universidades, depois de onze ou doze anos de português.

Também não sei a quem devemos atribuir o mérito disto tudo. Se é ao malogrado acordo ortográfico ou não, mas realmente temos vivido nos últimos tempos sob o signo do português pois de repente toda a gente parece preocupar-se com o português e isso é ótimo. Queria pegar numa expressão que disse a Maria José: "É preciso fazer mexer o país". Dá-me ideia que esta experiência que se fez em Viana do Castelo tem sobretudo um mérito muito importante, além de outros. É o de mostrar que é possível fazer alguma coisa e o de abrir um caminho, no fundo.

Mostrar que se outros espaços, outras caras do país quiserem fazer coisas, o caminho já está aberto e as primeiras experiências são pioneiras no bom sentido da palavra. São pioneiras porque mostram o que é que se pode fazer.

Tive algumas ideias. Uma coisa que nos preocupou em Castelo Branco e Castelo Branco, realmente, também dá ideias que tem sido parte para muita preocupação, foi a história da mentalidade, da organização lógica dos alunos. É evidente que se lhes pedirmos logo no pré-primário que contem e recontem histórias, e se no secundário ainda formos capazes de pedir que façam coisas úteis, interessantes e bonitas, talvez os ajudemos a organizar a cabeça. Estou convencido que isto tem muito de valioso. A forma e o conteúdo andam mesmo de braço dado.

Julgo que vale a pena trilharmos outros caminhos e a ideia que tive era se não valia a pena pensarmos num encontro deste tipo,

num trabalho deste tipo mas em que pudéssemos pôr em paralelo os contributos de uma disciplina como o português e os contributos de uma disciplina como a matemática.

Não sei perfeitamente como, mas estou convencido que são duas pistas que se se cruzarem poderão dar frutos importantes para um conhecimento do que é a lógica dos nossos alunos e se calhar para encontrar estratégias de remediação para alguns pequenos grandes problemas, que vão crescendo. Olho à volta e vejo alguma coisa com alguma piada. É que as "E.S.E." estão mais representadas aqui do que as faculdades. Pergunto se é por acaso. Gostava de ver para o ano este assunto a ser tratado outra vez, porque entretanto as universidades parece que vão, finalmente, começar a fazer formação de professores e talvez nessa altura, as universidades se preocupem com coisas tão comezinhas como isto da formação contínua, da iniciação à escrita, do desenvolvimento da escrita, etc. Mas o facto de ver aqui as E.S.E. dá-me uma outra pista, outra satisfação. É que numa E.S.E. é possível fazer-se um trabalho coordenado entre o português e a matemática, coisa que numa Faculdade de Letras só se faz se se pedir ajuda à Faculdade de Ciências, por exemplo.

É uma capacidade que têm as escolas de professores de educação, da qual julgo que estamos a tirar todos os benefícios possíveis. Ter lá psicólogos e linguistas pode fazer um ramalhete com interesse.

Se conseguíssemos em duas ou três E.S.E.S. deste país tão diferentes como pode ser Viana, Setúbal, Castelo Branco ou Lisboa, portanto, com estatutos sociológicos diferentes, se conseguíssemos, dizia eu, lançar um trabalho deste tipo poderíamos tirar conclusões que fizessem mexer o país, o 12º andar da Av. 5 de Outubro.

Lucinda Atalaia:

Desde o início da Instituição (1971), da C.E.F.E.P.E., uma das preocupações e das possibilidades que sempre tivemos foi a de termos vários professores dos diversos graus de ensino que iam desde a infantil até ao ensino superior, professores e investigadores colaborando nas acções de formação e em diversos trabalhos que levámos a cabo e que estão publicados.

Penso, portanto, que compreendem que para mim é particularmente grato ouvir o que ouvi, já que muitas vezes chego a pensar e a interrogar-me sobre o que é que valeu a pena. Com certeza que tenho de me congratular por saber que, passados estes anos todos e ao nível das E.S.E.S., algo se está a tentar fazer naquele sentido que a mim e a outras pessoas nos parece de facto ser a pista, o caminho, a direcção certa. Tendo em conta o que ontem também se debateu na sala 3, gostaria de ter em consideração o seguinte: na realidade fala-se e preocupamo-nos muito com o ensino do português. Mas eu queria perguntar, o ensino do português ao serviço do quê? Penso que ao serviço do ser, do estar, do comunicar, do conhecer. Aliás, devo também sublinhar todas as intervenções que aconteceram aqui e também me tocam a síntese que a Dra. Inês Sim-Sim fez no final e que me abstenho aqui de repetir. Julgo que tudo está nisto porque tudo isto, o ser, a expressão do ser, do estar, do comunicar e do conhecer para acontecer implica de facto análise, reflexão, síntese, capacidades que ontem se falaram e se acharam importantes. Só que me parece que é de facto a partir das interacções entre os indivíduos entre si, entre os indivíduos e o mundo, - o mundo dos objectos e dos fenómenos. É a partir dessas interacções, da diversidade dos contextos situacionais, dos conflitos que naturalmente se sucedem que se pode desenvolver a análise e a reflexão. Digo-vos isto por reflexão resultante da prática. É da prática com crianças de diversos meios socio-culturais.

É que de facto esta interacção, esta comunicação só acontece com as crianças e só acontecerá com as crianças se começar com os adultos duma maneira geral, e com os professores e os educadores em particular. Oxalá que realmente os indícios, que os sinais que nos chegam neste momento, se possam fortalecer e continuar e, de facto, com esperanças nas E.S.E.

Será que as pessoas aí encontram facilidades e condições que facilitem o diálogo entre si e entre as diversas escolas? Oxalá, pois nunca será demais fortalecer e intensificar para que finalmente, de algum modo, os ecos cheguem às instâncias dos poderes oficiais. Para que, na realidade, algo possa efectivamente mudar neste sentido, no de todos nós podermos ser mais nós próprios, e estarmos melhor nós próprios com os outros, e comunicarmos e conhecermos o mundo onde estamos inseridos.

Maria Mercês Moita (A.P.P.):

Parece-me fundamentalmente que há que mudar. Mas mudar o quê? Quem não tem prazer em ler e escrever é capaz de motivar alguém a ler, ou a escrever?

Se nós pensarmos nos professores de todos os graus do ensino, será que todos nós gostamos de escrever?

Será que todos nós gostamos de ler? No entanto, mandamos ler e dizemos "se não leres até ao dia x e não apresentares contas de leitura acontece-te um oitão ao fim na pauta". Digo um oitão porque vivo no ensino secundário e tenho outro sistema de classificação; ou então, dizemos: "x vai fazer uma redacção" e depois pintamos a redacção de vermelho. Muitas vezes, nem sequer sugerimos uma outra construção, ou uma outra forma de escrever a palavra. Passamos um traço por baixo. A criança vive no pavor do papel devolvido, pintado a vermelho, ou até do papel ser lido em público, para dizer os erros que o menino fez. Por outro lado, parece-me que isto tudo tem a ver com uma situação de poder.

Quem é que tem o poder dentro das nossas salas de aula? Somos nós, os professores que ocupamos, como dizia há uns anos a tese de Emília Pedro, 90% dos enunciados da sala de aula? Os meninos, se tiverem 10% que sorte! Mas a única coisa que a maioria de nós permite que o aluno diga é a reprodução do nosso discurso. Portanto, os meninos não fazem mais do que passar ao discurso indirecto aquilo que o professor diz todos os dias. Se não reproduzir o discurso do professor há-de com certeza ter de reproduzir o discurso que está no manual que o professor aconselhou, e o aluno não constrói de facto, nunca, jamais, em tempo algum, discurso próprio. Passa a vida a fazer discurso reportado. Onde está a criatividade? Não está. Então parece-me que o que temos que mudar é a nossa mentalidade. Se vocês a nível de formação inicial conseguirem convencer os vossos alunos, das E.S.E (e esperemos que agora as universidades) a não irem reproduzir para a sala de aula os modelos dos seus professores, tudo bem. Mas, a nível de formação contínua, teremos talvez que empenhar todos os nossos colegas actualmente em exercício numa nova mentalidade pedagógica. Eu já tenho dito às vezes aos professores que há dois tipos de texto:

Há o texto do prazer, que nós escrevemos, porque apetece, ou porque se está "chateado", ou até porque se está muito bem disposto e se mete na gaveta ou se mostra aos outros.

Isso é uma procura de partilhar a vida a partir do texto que se faz por prazer, e talvez os nossos jovens deixem de reamun- gar monossílabos nos intervalos e de falarem numa linguagem que pa- ra nós começa a tornar-se egnimática, para não dizer, completamente impossível de perceber.

Tenho filhos adolescentes e ainda vou apanhando algumas coisas. Se aqui há 2 ou 3 anos fosse à sala de convívio não conse- gua apanhar metade do que eles diziam, inclusivamente, dei-me ao trabalho de fazer um glossário. Assim, por exemplo, ouve-se dizer de repente "ai isto é bué". Quem sabe o que significado disto? O "baril" ainda é como o outro... E a quantidade de novas interjeições que eles usam? e hoje em dia falam por interjeições: "vejo não sei quantos numa fé". Portanto, está tudo dito. Nós cada vez estamos mais longe deles e impomos-lhes um discurso que não é o deles. Obrigamo-los a pronunciar pelas nossas próprias cabeças, e depois trabalha-se predominantemente o texto literário que agrada ao professor, com o qual ele tem qualquer relação afectiva, e lá esta- mos nós a decalcar nos meninos o nosso modelo e a querer que os meninos sintam aquilo que nós, que temos mais 20 ou 30 anos que eles, sentimos .

Portanto, parece-me, de facto que há que mudar totalmente a atitude pedagógica. A nossa vida quotidiana é feita de utilização da língua, a nível oral e escrito, e aqueles trabalhos que a escola secundária de Santa Maria fez, ao tentar utilizar situações de vida quotidiana, parece-me de facto francamente positivo. E parece-me que um trabalho com a língua, no ensino secundário e preparatório, tem que ter estas duas vertentes: o texto do prazer, o texto que dá prazer, partilhar, conversar sobre, e simultaneamente o texto da utilização quotidiana que vai da leitura do rol da mercearia, da farmácia etc., e depois aquilo que nós temos que fazer todos os dias que é a carta, o requerimento, preencher o boletim, mandar um telegrama etc.

Simplemente acho que a nível de formação contínua terá que se batalhar para que haja uma renovação total e absoluta da

mentalidade, e talvez, tentar convencer professores de Português que não perdem estatuto se passarem a palavra aos seus alunos. Quando nós estamos a conduzir uma interpretação dum texto, o discurso é nosso. Nós controlamos o espaço-aula, dali não sai nada que nós não deixemos. Agora, se começarmos a trabalhar o texto, o aluno produz o texto que lhe dá prazer, aí inclusivamente o texto de utilidade quotidiana, e quem passa a conduzir o discurso são eles.

Muitos de nós teremos muito medo disso. Portanto, é aí que me parece que vamos ter que batalhar. É na modificação da mentalidade pedagógica.

Fátima Sequeira:

Quero dizer que a professora Mercês apontou para um ponto crucial, na etapa do sistema do ensino em Portugal, que é a formação de professores. Todos nós já temos dito isto, mas temos de pensar e reflectir, principalmente num momento em que as coisas estão a mudar no nosso país, por vezes não estão a mudar para muito melhor, e aí tenho alguns obstáculos. Acho que a portaria da Faculdade de Letras já foi assinada ontem, e eu não conheço os conteúdos, mas os que me têm chegado não apontam para um caminho muito positivo na promoção de professores de língua e literatura. E isso faz com que nós tenhamos realmente sérias apreensões, ainda em relação ao ensino da nossa língua. Vejamos, um professor e partindo de um professor de português que foi para uma Faculdade de Letras, onde utilizam já o número *clausus*, possivelmente entrou porque não pôde entrar para mais nenhuma outra faculdade. Possivelmente sem motivação para ensinar, mas porque não tem outro emprego começou a ensinar. Durante os anos em que estive na Faculdade de Letras, nunca ninguém lhe falou do que seria o ensino/aprendizagem do português. A pessoa vai sem muita motivação, não falando já dos casos, e nós na Universidade do Minho temos muito esse caso, que são os professores de História e Estudos Sociais, que são aqueles que no Ciclo Preparatório vão dar português e que não tiveram na universidade cadeiras, por exemplo, como metodologia do ensino do português. Sim-

plesmente, depois obrigam-nos a fazer um estágio pedagógico em português, no qual não há bases nenhuma para o ensino do português. Tudo isto são contradições, que se vão reflectir no contexto aula. Há a necessidade absoluta de haver um espaço nas novas universidades, eu digo novas, agora nas novas que estão a ser renovadas, para uma área da Metodologia da Língua e nessa área não vai caber só, a cadeira específica de didáctica da língua, tem de haver várias ciências que se entrecruzam e que são importantes para a didáctica da língua: Psicolinguística, Sociolinguística e várias outras. Acontece que, por exemplo, quando nós chegamos a uma escola do Ensino Preparatório ou Secundário, vemos que a biblioteca não existe ou então é sistematicamente ocupada como sala de aula. E vemos que o empregado da biblioteca, quando há, diz a uma criança que vai pedir o livro x, "menino esse livro não é para si porque esse livro é muito complicado" e lhe dá outro.

Tenho o exemplo de uma escola do Preparatório, em que os livros que existem na biblioteca são os livros da Anita. Uma criança de 12 anos que foi à procura dum livro de História, porque gostava de um livro de História do séc. XVIII, recebeu a seguinte resposta, da empregada: "Menina, que disparate! O livro não é para si! Tem aqui o livro da Anita!"

O professor de português tem responsabilidade na escola, o delegado de disciplina tem responsabilidade, o conselho directivo tem responsabilidade; portanto, têm de encarar estes problemas.

Agora temos o problema da formação contínua. Como devia ter sido dada uma formação inicial e não foi, temos agora uma sobrecarga muito grande que é esta de formação contínua, para colmatar alguns vazios de que nós não tivemos culpa, e que sofremos durante a nossa formação.

Queria também pegar nas palavras do José Victor, em relação ao subjacente lógico da língua ou de qualquer ciência. Acho que isso é importantíssimo. Tenho dito que qualquer disciplina deveria ter tido na sua formação, uma cadeira de linguagem, e digo isto porque cada ciência, como sabem, tem uma lógica subjacente que se vai traduzir depois numa linguagem.

Para citar que o professor de matemática diga que o menino não sabe matemática por culpa do professor de português, nós diria-

mos que o professor de matemática é que não sabe linguagem para transmitir ao aluno a sua ciência na linguagem própria da ciência, com o professor de Ciências da Natureza acontece o mesmo. O professor de História fala em tempo, passado, presente e futuro duma maneira que as crianças não apreendem. O tempo histórico é difícil de compreender. O professor de história não teve essa disciplina de linguagem, portanto, ele não sabe como falar aos seus alunos.

É tempo de pensarmos que a formação, no ensino da língua, não compete só aos professores do ensino primário, ou aos professores de infância.

Um professor do ensino secundário tem de saber quais os mecanismos de aprendizagem de leitura, porque a leitura vai-se fazendo até ao ensino superior, e porque há diversas maneiras de ler, desde a infância ao estado adulto.

Todo o professor, de qualquer nível de ensino deve ter informações sobre o que é a leitura e a escrita e quais os problemas inerentes ao seu ensino/aprendizagem.

Isto é realmente um repto para os novos "curricula" das universidades, uma vez que as E.S.E., em princípio, já têm ou devem ter no seu curriculum disciplinas relacionadas com a linguagem.